

PROFESSOR CINCINATO FRANCA: UM ABOLICIONISTA NEGRO À SERVIÇO DA LIBERDADE (CACHOEIRA, SÉCULO XIX)

Jacó dos Santos Souza- jacocachoeira@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8433-5396>

Graduado em História (UNEB). Mestre em História (UNEB). Doutorando em História (UFBA). Docente no Centro Universitário Adventista de Educação do Nordeste (UNIAENE).

Resumo: O professor Cincinato Ricardo Pereira da Franca teve uma vida dedicada à docência na cidade de Cachoeira, nas últimas décadas do século XIX. Além de lecionar, Cincinato Franca militou na causa abolicionista, participando dos debates calorosamente travados sobre o fim da escravidão e seus desdobramentos, na década de 1880. É possível encontrá-lo em vários registros da época, participando de sociedades emancipacionistas e gazetas favoráveis à abolição da escravidão. Como educador, Cincinato Franca defendia um projeto de abolição que se relacionava à instrução pública da população negra, sobretudo das pessoas egressas da escravidão. Em seu programa abolicionista, o professor abria as portas de suas salas de aula para ensinar cativos a ler e escrever. Com o fim da escravidão, ele criou escola noturna para alfabetização de libertos, reunindo quase sessenta alunos que exerciam diferentes profissões como ganhador, pedreiro e carapina.

Palavras Chave: Abolicionismo. Educação. Escravidão. Liberdade. Bahia.

Abstract: Professor Cincinato Ricardo Pereira da Franca had a life dedicated to teaching in the city of Cachoeira, in the last decades of the 19th century. In addition to teaching, Cincinato Franca was active in the abolitionist cause, participating in heated debates about the end of slavery and its consequences in the 1880s. It is possible to find him in various records of the time, participating in emancipationist societies and gazettes in favor of abolition of slavery. As an educator, Cincinato Franca defended an abolition project that was related to the public education of the black population, especially people who had left slavery. In his abolitionist program, the teacher opened the doors of his classrooms to teach captives how to read and write. With the end of slavery, he created a night school for freed slaves to read and write, bringing together almost sixty students who worked in different professions such as laborer, bricklayer and carpenter.

Keywords: Abolitionism. Education. Slavery. Freedom. Bahia.

INTRODUÇÃO

Região de terras banhadas pela Baía de Todos os Santos, o Recôncavo baiano esteve diretamente envolvido em questões relacionadas à escravidão do negro africano. Fortemente marcada, desde os tempos coloniais, por grandes complexos açucareiros,² a *hinterlândia* reuniu numerosa quantidade de “braços negros” que ali aportaram para desenvolver diferentes atividades no campo e nas cidades. A constatação do brasilianista Bart Jude Barickman de que essa localidade manteve-se densamente povoada, durante o século XIX, e concentrando numerosa população escrava não espanta aos leitores dos empoeirados documentos ainda guardados nos arquivos baianos.³

No entanto, durante as últimas décadas do século XIX, uma grave crise abateu a economia do Recôncavo açucareiro, causando desconforto para muitos senhores de engenho que tiveram de lidar com uma crescente queda internacional no preço do açúcar, com a concorrência estrangeira e outros infortúnios. Além disso, a escassez da mão-de-obra escrava decorrente da abolição do tráfico africano e depois pelo tráfico interprovincial, as mortes, as fugas, as alforrias contribuíram para aumentar a crise da lavoura de cana.⁴ Entretanto, apesar desse quadro desfavorável, a província da Bahia ainda estava na quarta posição entre as províncias do império com maior número de cativos.

No Recôncavo baiano, os últimos anos da escravidão foram marcados por embates e tensões, envolvendo escravizados, senhores, abolicionistas e a população livre. O sinal dos tempos mostrava para os proprietários ainda resistentes que o controle sobre os cativos estava cada dia mais impraticável.⁵ Em Cachoeira, os confrontos radicalizaram-se ao longo de 1887, ocorrendo instantes de apreensão nas fazendas e na cidade. Nas ruas e na justiça, a autoridade senhorial era questionada, dando lugar a uma crescente perda de legitimidade do escravismo. Os cativos contaram com um movimento abolicionista que atuava através de sociedades, da imprensa, examinando matrículas de escravizados, realizando acoitamentos, entre outras ações.⁶

Parte da sociedade cachoeirana envolveu-se com o abolicionismo, entre eles comerciantes,

² Ver Stuart B. Schwartz. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

³ Bart Jude Barickman. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003, p. 38.

⁴ Walter Fraga Filho. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. Este autor acrescenta as leis emancipacionistas das décadas de 1870 e 1880 como também responsáveis pela diminuição da mão-de-obra escrava na Bahia, p. 31.

⁵ Ver Ricardo Tadeu Caires Silva. “Os escravos vão à justiça: a resistência escrava através das ações de liberdade, Bahia, século XIX”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2000, especialmente o 3º capítulo.

⁶ Jailton Lima Brito. *A abolição na Bahia: uma história política, 1870-1888*. Salvador, CEB, 2003, pp. 84-85, fala que na década de 1870, alguns periódicos soteropolitanos firmaram um pacto antiescravista em que não publicariam anúncios de fuga, compra, venda ou aluguel de escravos.

advogados, médicos e professores. A julgar pelas informações contidas na documentação da época, a cidade foi um importante centro de convergência de cativos fugidos e de luta pela libertação escrava. Entre outros abolicionistas, destacamos o professor Cincinato Ricardo Pereira da Franca que, através de diferentes frentes lutou contra a escravidão e, após o fim desta, buscou colocar em prática sua luta pela integração do ex-escravizado na sociedade livre.

Após um período de estudos na Cidade da Bahia, como era conhecida a cidade de São Salvador, o professor, recém-formado, Cincinato Ricardo Pereira da Franca, no vigor dos seus vinte e dois anos de idade, pegou o vapor em direção à cidade de Cachoeira, navegando pelas águas tranquilas e turvas do histórico Paraguaçu. Deslocava-se a fim de assumir a primeira cadeira primária na escola pública do primeiro distrito, na condição de professor concursado vitalício da Diretoria da Instrução Pública. Era o ano de 1883. Além de conhecimentos construídos em anos de estudos na capital baiana e alguma experiência na docência, o professor Cincinato Franca levava na bagagem princípios e projetos de vida que seriam desenvolvidos na curta, mas intensa, temporada que levou naquela cidade portuária do Recôncavo baiano.

O professor Cincinato Franca transitou em diversos espaços sociais da agitada cidade de Cachoeira de finais do século XIX, gozando da posição de educador que lhe conferia status elevado naquela sociedade oitocentista. Não hesitava em posicionar-se sobre assuntos diversos e, por vezes, delicados, através da imprensa, em conferências e/ou reuniões que ocorriam na cidade e que congregavam parte da elite letrada do lugar. Mostrava-se combativo, sobretudo, nas questões relacionadas à escravidão, fazendo coro com tantos outros indivíduos que, na década de 1880, se envolveram nos debates referentes ao cativo, sobre a sua continuidade, seu fim e/ou seus desdobramentos.

O estilo de ativismo abolicionista do professor estava relacionado à defesa da instrução pública para escravizados e seus descendentes, tema recorrente do último quartel do século XIX. Assim, fez barulho na imprensa e em associações antiescravistas para disseminar seu ativismo. A postura de Cincinato Franca no combate à escravidão legou-lhe deferências e estima daqueles com quem convivera. Fez-se notório na localidade onde nascera, despertando sentimentos nem sempre favoráveis e simpatizantes, às vezes contraditórios, a seu respeito.

Nascido na próspera Freguesia de São Thiago do Iguape, na Comarca de Cachoeira, Cincinato Franca recebeu os santos óleos na Igreja Matriz do Iguape, em vinte e seis de abril de mil oitocentos e sessenta e um, com pouco mais de dois meses de idade, como consta no livro de assentos de batismo. O “pardo”, como registrou o vigário Umbelino José de Azevedo, nasceu no dia quatorze de fevereiro daquele ano, sendo filho legítimo do capitão Augusto Ricardo das Neves e de Umbelina Correia da Franca Neves, estes unidos em matrimônio na manhã de sexta-feira, de trinta de novembro de 1855, também na Igreja Matriz do Iguape.

A Freguesia de São Thiago do Iguape, lugar de nascimento e vivência do professor Cincinato Franca e seus irmãos, destacou-se no cenário sócio-político e econômico da região do Recôncavo baiano, durante todo o século XIX. A fertilidade do solo úmido de massapê possibilitou o desenvolvimento de uma economia duradoura, sustentada, sobretudo, pelos braços de africanos e seus descendentes escravizados. O extenso rio Paraguaçu tornou-se rota importante de escoamento da produção agrícola que, desenvolvida em fazendas e engenhos alhures, desembarcavam no porto de Salvador para abastecimento do celeiro municipal e para ser exportado em direção à metrópole.

Não por acaso, a grande concentração de escravizados, por vezes, gerou distúrbios que deixavam senhores apavorados. Ainda nos primeiros anos do século XIX, revoltas escravas espalharam um clima tenso pelo Recôncavo baiano, sobretudo na Freguesia do Iguape, zona açucareira de Cachoeira, a mais importante vila baiana. Segundo o historiador João José Reis, os fatores explicativos para o crescimento das revoltas escravas são diversos, como a expansão da economia, fazendo aumentar a produção de açúcar e, por sua vez, a necessidade maior de mão de obra para tocar a produção, gerando aumento do tráfico africano para o trabalho escravo nas lavouras.⁷ Evidentemente, essas questões somadas a tantas outras das relações cotidianas, por exemplo, montaram o clima de tensão que mobilizou autoridades policiais na contenção de levantes escravos.

Foi nessa freguesia açucareira do Recôncavo, marcada por histórias de conflitos e rebeliões que, no início da década de 1860, nasceu o pardo Cincinato Franca. Não seria demais imaginar que, ainda com tenra idade, aquele que mais tarde seria alcunhado como “ferrenho abolicionista” tenha ouvido histórias de insurreições escravas protagonizadas naquelas cercanias, de senhores de engenho cruéis e ressentidos, de feitores que conduziam os escravizados ao som do chicote, entre outras truculências. Cincinato Franca cresceu num contexto onde as narrativas estavam relacionadas ao mundo da escravidão, da liberdade, suas tensões e paradoxos. Segundo o historiador Walter Fraga Filho, nas últimas duas décadas do século XIX, engenhos baianos ainda “possuíam quantidade significativa de cativos em idade produtiva”.

Cincinato Franca fez parte da equipe de redatores do periódico abolicionista *O Asteróide* que circulou na cidade de Cachoeira, entre 1887 a 1889.⁸ De acordo com as atas da *Sociedade Libertadora Cachoeirana*, Cincinato Franca era um dos sócios fundadores presentes na reunião de instalação da citada instituição. Em seu discurso, elogiou a iniciativa de abolicionistas locais, demonstrando “com proficiência a utilidade do fim da criação desta sociedade”.⁹ Além de participar desta, o professor atuou no movimento escrevendo artigos publicados em jornais locais, onde denunciava o escravismo

⁷ REIS, João José. “Recôncavo rebelde: revoltas escravas nos engenhos baianos”. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 15, 1992, p. 100.
⁸ Sobre a atuação do periódico *O Asteróide* no movimento abolicionista cachoeirano, ver: SOUZA, Jacó dos Santos. “Vozes da abolição: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana (1887 – 1889)”. Dissertação de mestrado, Santo Antônio de Jesus, UNEB, 2010.
⁹ APB, *Atas da Sociedade Abolicionista Libertadora (Cachoeira) (1884-1887)*, maço: 2878.

como entrave para o progresso.¹⁰

Segundo Luiz Cláudio Nascimento, Cincinato Franca e outros intelectuais cachoeiranos, como Augusto Ferreira Motta, Sílio Boccanera e Tranquilino Bastos, “adaptavam salas de aula na redação e oficina do jornal *O Guarany*, para alfabetizarem seus trabalhadores negros e outros interessados”.¹¹ Como professor, Cincinato Franca adotou a instrução popular como divisa na luta contra a escravidão e continuou nesse propósito mesmo após o maio de 1888. Em 23 de março de 1888, *O Asteróide* noticiou a formação de uma turma presidida por ele, acrescentando o seguinte aviso: “sendo livre [o aluno] pagará uma pequena mensalidade, e escravizado gratuitamente”.¹² Tempos depois, em 12 de junho de 1888, ressaltando a atuação do “Clube Carigé”, presidido por Cincinato Franca, um articulista registrou que ainda durante o escravismo a referida instituição abolicionista havia convidado a todos para, gratuitamente, “aprender a ler, sem exceção, quer livre, quer fosse escravo”. A partir dessas informações, vemos que o projeto de abolição do professor estava relacionado à instrução pública.

Na década de 1880, eram muito comuns solenidades abolicionistas onde ocorriam entregas de cartas de alforria e os discursos de homens letrados provocavam lágrimas naqueles que os ouviam. Cincinato Franca participou de inúmeras programações abolicionistas desse caráter. A gazeta abolicionista *O Asteróide* noticiou no exemplar de 4 de maio de 1888 uma solenidade emancipacionista onde o professor Franca fez um caloroso pronunciamento. O caso ocorreu na instalação do “Clube Rio Branco”, instituição abolicionista fundada na freguesia de São Félix em 1º de maio de 1888.¹³ O conhecido abolicionista local, Cesário Ribeiro Mendes, entregou uma carta de alforria contendo a liberdade das escravas Maria Luiza, Sabina e Vitória, oferecida pela senhora Maria Joaquina de Oliveira Barros, em homenagem à instalação do citado clube. De posse da palavra, Cincinato Franca, após louvar a iniciativa de D. Joaquina Barros, propôs que dessem “o título de sócia benemérita à virtuosa senhora, o que foi acatado por unanimidade de votos”.

O professor Cincinato Franca era um “homem de cor”. Muito embora isso não fique explícito em seus textos, algumas fotografias permitem visualizar sua afrodescendência, como na imagem a seguir.

¹⁰ Ver Luiz Cláudio Dias do Nascimento. “Terra de macumbeiros: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jeje-nagô em Cachoeira e São Félix – Bahia”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA/CEAO, 2007, p. 68.

¹¹ Idem.

¹² *O Asteróide*, 23 de março de 1888, p. 2.

¹³ *O Asteróide*, 4 de maio de 1888, p. 2.



Fonte: Acervo pessoal da neta de Cincinato Franca, Sr.^a. Maria Helena Franca.

Na fotografia é possível ver os dois filhos “pardos” do capitão Augusto Neves e dona Umbelina Neves, como foram registrados em pia batismal. Classificados como homens de cor, seguindo trajetórias de vida diferentes, professor e sacerdote católico, ocuparam espaços sociais pouco acessíveis para indivíduos não brancos. De acordo com a neta do professor Cincinato Franca, a fotografia foi registrada no quintal da residência de seu avô, no início do século XX, na capital baiana. O Pe. Demétrio Franca, trajando indumentária sacerdotal, aparece ladeado com seu irmão, o professor Cincinato Franca. Na imagem, consta ainda a senhora Cora Franca, prima e esposa do professor, registrada também como “parda” em pia batismal, filha de dona Eufrosina Correia da Franca.¹⁴ Entre o casal, aparece também a criança Luiza, sua filha.

Alguns pesquisadores têm demonstrado que no processo abolicionista, participaram diversos indivíduos de cor negra. Wlamyra Ribeiro de Albuquerque, por exemplo, falou da participação de “homens de cor” no movimento abolicionista soteropolitano e apresentou Manoel Querino, um sujeito com grande inserção social na capital da Bahia, que em seus discursos pelo fim do escravismo destacou a participação do negro na construção do país.¹⁵ Além dessa pesquisadora, Andréa Santos da Silva Pessanha analisou a vida e as ideias do abolicionista negro André Rebouças, na capital do Império, e destacou sua participação no movimento emancipacionista em periódicos cariocas.¹⁶

Não há como negar a expressiva mobilização do professor Cincinato Franca no movimento emancipador. Analisando a documentação do período, notamos que o abolicionista participou

¹⁴ *Livro de assentos de batismo da Freguesia de São Thiago do Iguape (1856-1871)*, p. 116.

¹⁵ Wlamyra Ribeiro de Albuquerque. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁶ Andréa Santos da Silva Pessanha. *Da abolição da escravatura à abolição da miséria: a vida e as ideias de André Rebouças*. Rio de Janeiro: Quartet; Belford Roxo: UNIABEU, 2005.

ativamente dos festejos que aconteceram na cidade de Cachoeira, em celebração à lei de 13 de maio de 1888. No dia que antecedeu a abolição, quando as manifestações comemorativas já começavam a surgir, sócios do Clube Carigé, unindo-se a pessoas ligadas à gazeta *O Asteróide* saíram pelas ruas “proclamando a solução do senado no dia seguinte e a sanção do projeto pela imperial princesa”, naquele dia. Depressa, o “povo” aderiu ao movimento iniciado pelos abolicionistas, formando uma “imensa multidão”¹⁷ a ouvir calorosos discursos proferidos por lideranças abolicionistas locais, a exemplo do professor Cincinato Franca, Diogo de Andrade Vallasques e José Theodoro Pamponet.

No domingo pela manhã, 13 de maio, ruas e casas foram enfeitadas com bandeiras e flores, retratando a alegria da população. Segundo *O Asteróide*, notava-se o entusiasmo da população que “inquieta preparava as cores, palmas, vivas, bandeiras, fogos e iluminação” para saudar a esperada abolição. A estação telegráfica e a redação do periódico assistiu uma intensa movimentação de populares que aguardavam notícias do encaminhamento da abolição.¹⁸ Uma atmosfera de contentamento pairou sobre a cidade quando um telegrama enviado da Corte noticiava a abolição do escravismo. Daí em diante, os festejos avolumaram-se, prolongando-se por vários dias e adentrando altas horas da madrugada, afinal “a cidade não estava disposta a se render ao silêncio”.¹⁹

Várias agremiações, empunhando seus respectivos estandartes, e grande número de libertos participaram das passeatas ocorridas naquela semana festiva. Os abolicionistas receberam especial atenção da redação de *O Asteróide*. Segundo os articulistas, sempre que o préstito passava em frente da residência de algum abolicionista, das sedes dos clubes ou das tipografias, ouviam-se discursos calorosos que arrancavam lágrimas e vivas da multidão. Nos discursos, a abolição representava o desfecho de uma batalha onde os abolicionistas eram apresentados como os lutadores mais destemidos.²⁰

Os abolicionistas figuraram nas falas dos oradores como responsáveis pela condução do processo que resultou na abolição. Cesário Ribeiro Mendes, discursando à multidão, saudou “o Ministério 10 de março, à Princesa Regente e ao partido abolicionista”,²¹ homenageando aqueles que entendia serem os responsáveis pela abolição. O professor Cincinato Franca foi ainda mais taxativo ao tentar fazer “ciente ao povo que a abolição tinha sido a esforço único do partido abolicionista”.²² Para esses homens, entusiasmados com aquele acontecimento, cabia-lhes posição de protagonistas das lutas que resultaram na abolição. Para os articulistas, a glória daquele momento deveria ser tributada unicamente às lideranças do movimento antiescravista. No calor daquele evento elaborava-se toda uma simbologia relacionada à construção dos mitos e heróis responsáveis pelo fim da

¹⁷ *O Asteróide*, 19 de maio de 1888, p. 2.

¹⁸ Idem.

¹⁹ *O Asteróide*, 23 de maio de 1888, p. 2.

²⁰ *O Asteróide*, 19 de maio de 1888, p. 2.

²¹ Idem.

²² *O Asteróide*, 28 de maio de 1888, p. 2.

escravidão.

A princesa Isabel não ficou esquecida pelos oradores. Ao contrário, em diversos momentos ela foi evocada como personagem central do processo da abolição. Além das reiteradas saudações pronunciadas durante as passeatas, alguns telegrafaram para a princesa parabenizando-a pela sua ação. *O Asteróide* imprimiu uma cópia do telegrama-resposta enviado pelo Conselheiro João Alfredo para o “Clube Carigé” no qual dizia: “Senhor Cincinato Ricardo Pereira da Franca. Em nome da augusta Princesa Imperial Regente agradece cordialmente as saudações dirigidas pelo Clube Carigé”.²³

Passados os dias de euforia, muitos daqueles que haviam lutado no movimento abolicionista posicionaram-se favoráveis à instrução dos ex-escravizados.²⁴ Para eles, a luta não havia acabado com a extinção do escravismo. Novos passos deveriam ser dados para integrar os negros à sociedade livre. Ainda em abril de 1888, o professor Cincinato Franca convocou os interessados em “aprender a ler e escrever, quer livre quer fosse escravo”, para participar das aulas noturnas do “Clube Carigé”, onde exercia o cargo de presidente.²⁵ As aulas seriam públicas e gratuitas, sem mensalidades, porém os sócios do clube pagariam a entrada no valor de 6\$000 [seis mil réis]; os sócios antigos ficariam isentos do pagamento e seus filhos teriam direito às aulas, sendo considerados também associados até a idade de 17 anos. Funcionando todas as noites, os professores Cincinato Franca e Elesbão Dias Peixoto ministrariam aulas de francês, português prático, aritmética e sistema métrico.

A iniciativa do “Clube Carigé” parece ter tido algum sucesso. Foi esta a impressão que nos legou um artigo publicado na gazeta. Discutindo a necessidade da reforma do ensino e, ao mesmo tempo, criticando a falta de interesse governamental na esfera da instrução popular, um articulista deu-nos indícios do trabalho desenvolvido pelo prof. Cincinato Franca. Elogiando sua atuação, “cujo zelo e cuidado pela educação intelectual moral e religiosa das crianças é por demais reconhecido por todos”,²⁶ o articulista registrou que era elevado o número de matrículas na escola regida por Franca, mais de cem, além de uma grande frequência. Porém lamentou que o professor tivesse que retirar parte de seu ordenado para custear o aluguel do prédio onde ministrava suas aulas, prognosticando: “É horrível. Incontestavelmente eles [os professores] hão de recuar perante esta onda de ingratidão do governo”.

O comprometimento de Cincinato Franca com a instrução dos ex-escravizados e libertos

²³ *O Asteróide*, 19 de maio de 1888, p. 1.

²⁴ Ver Andréa Santos da Silva Pessanha. *Da abolição da escravatura à abolição da miséria: a vida e as idéias de André Rebouças*. Rio de Janeiro: Quartet; Belford Roxo: UNIABEU, 2005; Meirevandra Soares Figueirôa. “‘Matéria livre... espírito livre para pensar’: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884)”. Dissertação de mestrado. São Cristóvão, UFS, 2007. Segundo essa autora, o abolicionista sergipano Francisco José Alves abriu salas de aula em sua casa para promover a instrução de ingênuos, anos antes da abolição, desde que fossem filhos de libertos.

²⁵ *O Asteróide*, 12 de junho de 1888, p. 1.

²⁶ *O Asteróide*, 2 de junho de 1888, p. 2.

chamou a atenção da redação do *Jornal de Notícias*, impresso na capital baiana. Desferindo críticas ao comportamento do governo em relação a questão da educação, assim manifestou-se um articulista:

O principal dever do governo patriótico e adiantado é cuidar, sem delongas, sem interrupções, do ensino dos seus cidadãos.

Inconteste verdade, sancionada pelos mais proveitosos e benéficos resultados, e que os governos brasileiros, afeitos até agora a acanhados moldes políticos têm desprezado atrasadamente, desumanamente.

À gloriosa lei 13 de maio, atirando ao meio social centenas de homens que a vil instituição negra, vampiro social, privara da luz da instrução, o nosso governo não fez suceder a criação ampla, múltipla, de escolas e de mestres, que são estes os melhores repressivos da vadiagem e do vício.

Saltam-nos da pena tais considerações produzidas por visita que fizemos à escola noturna que o sr. Professor Cincinato Franca sustenta por espontaneidade, na populosa cidade da Cachoeira. [...]

A escola foi fundada generosamente pelo sr. Franca em 1º de abril do ano passado e tem produzido os mais lisonjeiros efeitos.

Visualmente avaliamos o aproveitamento nessa escola. Vimos escritas limpas, corretas, letra finamente talhada, devidas a discípulos de pouco tempo; arguições sobre gramática, sobre aritmética, perfeitamente satisfeitas; boa leitura, clara e corrente.²⁷

Passado aproximadamente um ano da abolição, a ideia da instrução popular como caminho para o progresso permanecia premente entre os setores letrados. Segundo vários artigos do jornal, havia uma dívida a ser paga pelo governo brasileiro, que, mesmo abolindo a escravidão, não se empenhou no sentido de garantir aos ex-escravizados e seus descendentes a instrução negada durante o cativeiro. Como pano de fundo dessa aparente inclinação filantrópica em relação aos ex-escravizados e libertos, descortina-se um comportamento preconceituoso do articulista ao entender que a criação de escolas e mestres servia como método “repressivo da vadiagem e do vício”. Isso refletia um pensamento comum da época em que a população negra era vista como potencialmente perigosa.

De acordo ainda com a observação realizada pelo articulista do *Jornal de Notícias*, a escola dirigida por Cincinato Franca possuía expressiva quantidade de alunos. Aproximadamente sessenta pessoas, com diferentes condições e idades, frequentavam as aulas noturnas. A tabela seguinte é representativa da quantidade de alunos e atividades desenvolvidas pelos mesmos.

²⁷ *Jornal de Notícias*, 19 de abril de 1889, p. 2, *apud* Miguel Luiz da Conceição. “O aprendizado da liberdade”, p. 114.

Tabela 1 – Ocupações dos alunos da escola do prof. Cincinato Franca, 1889.

PROFISSÕES	FREQUÊNCIA	PROFISSÕES	FREQUÊNCIA
Ganhador	14	Ferreiro	2
Pedreiro	10	Refinador	2
Carapina	8	Sapateiro	2
Copeiro e criado	5	Alfaiate	2
Marceneiro	5	Carniceiro	1
Colhedor de fumo	3	Charuteiro	1
Funileiro	2	Outras	2
TOTAL	–	–	59

Fonte: *Jornal de Notícias*, 19 de abril de 1889, p. 2, *apud* Miguel Luiz da Conceição. “O aprendizado da liberdade”, p. 115.

A partir dos dados mostrados na tabela, observamos uma diversidade de profissões exercidas pelos egressos da escravidão. Não surpreende a predominância de ganhadores frequentando as escolas noturnas, afinal havia um enorme contingente de ex-escravizados e libertos realizando trabalhos de rua. As oportunidades de trabalho no cais do porto, nas estações de trem e nas imediações das casas de negócios atraíam a população negra para essa localidade.²⁸

Outros trabalhadores, além de ganhadores, ligados à vida urbana frequentavam as salas de aula do professor Cincinato. Algumas das profissões que ali figuravam certamente eram herdadas do aprendizado no tempo da escravidão, outras aprendidas após a liberdade. Walter Fraga observou que muitos ex-escravizados que migraram para a cidade depois da “Lei Áurea” continuaram a desenvolver ofícios exercidos durante o cativeiro, contrariando os discursos de que “os escravos rurais estivessem despreparados para a vida nas cidades”.²⁹ Contudo, o autor não descartou que muitos tiveram de aprender uma nova profissão dadas as exigências da vida no centro urbano.

Cabe-nos assinalar que, de maneira geral, o discurso impresso no *Jornal de Notícias* cumpria a função de mostrar para as autoridades baianas que os resultados colhidos pela escola do professor Cincinato Franca era prova incontestável de que a instrução popular servia como “remédio” para sanar os problemas daquela sociedade oitocentista. Concluindo sua exposição, o articulista registrou o seguinte:

A matrícula de alunos seria muito maior, o duplo talvez, si a casa em que presentemente funciona a benemérita escola comporta-se-os. Em resumo: são belíssimos, altamente convincentes, os resultados que está apresentando a escola noturna da Cachoeira, graças aos esforços do sr. Professor Cincinato Franca e de seu adjunto o sr. Candido José Abade.³⁰

²⁸ Examinando o livro de matrículas dos ganhadores que exerciam suas atividades em Cachoeira e São Félix, Virlene Cardoso Moreira apurou o registro de 207 ganhadores, entre os anos de 1888 e 1889, procedentes de várias partes do Recôncavo baiano e de regiões sertanejas. Esse dado evidencia a predominância dessa ocupação profissional exercida pelos ex-escravos e justifica a superioridade numérica entre os alunos da escola do prof. Cincinato Franca. Ver, Virlene Cardoso Moreira. “Entre a Baía e os Sertões: a dinâmica comercial do Recôncavo Baiano: São Félix (1857-1889)”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2002.

²⁹ Walter Fraga Filho. *Encruzilhadas da liberdade*, p. 325.

³⁰ *Jornal de Notícias*, 19 de abril de 1889, p. 2, *apud* Miguel Luiz da Conceição. “O aprendizado da liberdade”, p. 115.

A instrução popular figurava nas páginas imprensa como uma das muitas reformas sociais que deveriam acompanhar a abolição da escravidão. Ao tempo em que a redação de *O Asteróide* se apresentava como grande incentivadora para a promoção da instrução entre aqueles que viveram a experiência da escravidão, criticava o comportamento do governo que, segundo os articulistas, mostrava-se indiferente às demandas do pós-abolição. Foi diante da indiferença governamental no campo educacional que iniciativas foram tomadas por particulares. Além da gazeta que adotou como programa político a instrução popular, chamou-nos a atenção o comprometimento do militante abolicionista professor Cincinato Franca.³¹

Comprometido com as causas sociais de seu tempo, sobretudo as antiescravistas, Cincinato Franca atuou na imprensa, nas sociedades e clubes abolicionistas, em conjunto com outros indivíduos que tiveram seus nomes conhecidos do abolicionismo local. O professor Cincinato Franca vivenciou diferentes episódios relacionados à campanha abolicionista em Cachoeira. Vivendo numa região tradicional da aristocracia açucareira e fumageira, esses e outros personagens, sobretudo escravizados, desafiaram poderes aristocráticos seculares, articularam ações, mobilizaram populares e influenciaram o crescimento do sentimento antiescravista que se espalhou pela região do Recôncavo baiano, ganhando impulso nas décadas de 1870 e 1880, à semelhança do que vinha ocorrendo em diversas partes do país.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BARICKMAN, Bart Jude. *Um contraponto baiano: Açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

BRITO, Jailton Lima. *A abolição na Bahia: uma história política, 1870–1888*. Salvador, CEB, 2003.

CONCEIÇÃO, Miguel Luiz da. “‘O aprendizado da liberdade’: educação de escravos, libertos e ingênuos na Bahia oitocentista”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2007.

FIGUEIRÔA, Meirevandra Soares. “‘Matéria livre... espírito livre para pensar’: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884)”. Dissertação de mestrado. São Cristóvão, UFS, 2007.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

³¹ Miguel Luiz da Conceição. “‘O aprendizado da liberdade’”, pp. 130-134, notou a participação do prof. Cincinato Franca em inaugurações de escolas na capital baiana, ressaltando que ele se tornou conhecido e respeitado, em toda a província da Bahia, devido seu comprometimento com a educação.

MOREIRA, Virlene Cardoso. “Entre a Baía e os Sertões: a dinâmica comercial do Recôncavo Baiano: São Félix (1857-1889)”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2002.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. “Terra de macumbeiros: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jeje-nagô em Cachoeira e São Félix – Bahia”. Dissertação de mestrado, Salvador, UFBA/CEAO, 2007.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *Da abolição da escravatura à abolição da miséria: a vida e as idéias de André Rebouças*. Rio de Janeiro: Quartet; Belford Roxo: UNIABEU, 2005.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Ricardo Tadeu Caires. “Os escravos vão à justiça: a resistência escrava através das ações de liberdade, Bahia, século XIX”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2000.

SOUZA, Jacó dos Santos. “Vozes da abolição: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana (1887 – 1889)”. Dissertação de mestrado, Santo Antônio de Jesus, UNEB, 2010.